

A DIFUSÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL DE PENDOR ESPIRITUAL NOS TEMPOS MODERNOS

Carla Avelino¹

ISCAP-P.PORTO

Resumo

A proliferação de leituras ou escritos de cariz devocional e espiritual, sugeridas ou impostas, funcionaram para a Igreja como estratégia de controlo através do qual se veiculava o discurso religioso, visando moldar comportamentos com base na imitação dos modelos propostos, almejando a perfeição espiritual exigida a leigos e, sobretudo, aos que tomavam o hábito.

Assim, a análise de fatores como o tipo de livros que se liam, os autores eleitos, os locais escolhidos, a conjuntura espiritual, política e social que incentivavam a edição de determinados textos são elementos a considerar na abordagem do texto religioso na sociedade católica europeia da Época Moderna.

A preponderância e sobrevalorização da figura do santo como elemento agregador e catalisador, *ad imitandum*, explica o sucesso dos textos hagiográficos e a procura por novos géneros literários, nomeadamente, as biografias, memórias e autobiografias espirituais.

Palavras-chave: Imprensa; Produção Espiritual; Leituras; Textos; Hagiografia; Santidade

Abstract

The proliferation of devotional and spiritual readings or writings, suggested or imposed, worked for the Church as a control strategy through which religious discourse was conveyed,

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2861-6061>; Email: carla@iscap.ipp.pt

aiming to shape behaviours based on the imitation of the proposed models, aiming at spiritual perfection, required of lay people and, above all, of those who went into priesthood. Thus, the analysis of factors such as the type of books that were read, the authors chosen, the places chosen, the spiritual, political and social conjuncture that encouraged the edition of certain texts are elements to consider when approaching the religious text in the European Catholic society of Modern Era.

The preponderance and overvaluation of the figure of the saint as an aggregating and catalysing element, *ad imitandum*, explains the success of hagiographical texts and the search for new literary genres, namely biographies, memoirs and spiritual autobiographies.

Key words: Press; Spiritual Production; Readings; Texts; Hagiography; Holiness

1. Introdução

O presente artigo visa apresentar uma reflexão sobre a produção editorial de pendor devocional e espiritual, sobre os seus autores e leitores, na Europa Moderna, efetivada sob o olhar catequético e disciplinador da Igreja, intencionalmente delineador da construção de um perfil comportamental exemplar, espelhado na perfeição espiritual, exigido a religiosos e leigos.

Como foi já profusamente abordado, a invenção de Gutenberg implicou mudanças civilizacionais de imediata repercussão mundial. A possibilidade de reprodução de pensamentos e ideias de forma célere, a uma escala alargada, transformou o modo de pensar a existência do homem, despoletando, em simultâneo, subversões e acérrimas lutas de poder, na tentativa de controlo da prodigiosa *máquina*.

Não devemos, no entanto, pressupor que o texto impresso foi, de imediato, sobrepor-se ao texto manuscrito, pois, no entender de Danilo Zardin, "l'epoca successiva alle invenzioni di Gutenberg e compagni è stata ben lontana dall'aver visto paralisi totale del ricorso ai testi manoscritti e la fine delle loro incessante riproduzione" (Zardin, 1992, p.10).

A imprensa vem trazer à Época Moderna um desvio, melhor dizendo, uma divisão, no domínio da produção textual, até então apanágio dos mosteiros. A nova realidade obriga as instituições religiosas a delegar parcialmente e, contra a sua vontade, a tarefa e o usufruto às instituições concorrentes: as universidades.

Ainda antes de 1500, imprimiam-se, maioritariamente, incunábulos religiosos que constituíam um negócio rentável para os livreiros, uma vez que os leitores eram essencialmente clérigos: "Não é, com certeza, por acaso que entre as primeiras realizações da imprensa se encontrem duas Bíblias, a de 42 e a de 36 linhas" (Febvre, 1958, p. 323). Para além dos textos sagrados, imprimiam-se, em paralelo e em maior número, livros para a celebração do culto e orações, sermonários, breviários, diurnos e missais.

É de salientar o êxito que a ilustração vai conferir aos catecismos, em toda a Europa, ao longo de Quinhentos e Seiscentos. Esta novidade permite a fruição estética imediata e autónoma do texto escrito por parte dos fiéis, servindo, como refere Danilo Zardin, de estratégia educativa ao serviço da Igreja e dos Padres da Companhia de Jesus (Zardin, 1992, p. 11).

A simplicidade das figuras e os textos curtos favoreciam o acesso autónomo ao catecismo doutrinal e catequético (Zardin, 1992, p.98-99).

Mudando de público alvo, e nunca esquecendo o peso que a espiritualidade e a *devotio* moderna têm na existência do Antigo Regime, também as populações não eclesiásticas (reis, príncipes, grandes senhores e, progressivamente, os burgueses - classe que vinha conquistando lugar de destaque na estratificação social) veem satisfeitas as suas aspirações espirituais e devocionais, com o acesso facilitado a livros de horas (contendo o texto das orações do dia a dia), livros de orações, livros de piedade e místicos, vidas de santos, vida da Virgem e de Cristo, que representam mais de um sexto da produção impressa. De entre os representantes destes géneros, as obras de Frei Luís de Granada e de Santa Teresa de Jesus são amplamente requisitadas e *A Imitação de Cristo* do pseudo Tomás de Kempis torna-se "até

uma época recente, e a par da Bíblia, a obra mais vezes impressa até aos nossos dias" (Febvre, 1958, p. 325).

2. O texto impresso, veículo das ideias reformistas e contrarreformistas

Com base nos dados resultantes dos vários estudos atinentes à produção textual na Época Moderna, nomeadamente, no que respeita a edição de determinadas obras de devoção e espiritualidade, somos levadas a constatar o elevado interesse suscitado (junto do público alfabetizado) pela temática religiosa. "Nunca tantos livros de espiritualidade haviam sido publicados, frequentemente em pequenos formatos mais acessíveis e escritos em língua vulgar" (Cunha, 2002, p. 123).

Apesar de se verificar um abrandamento na produção editorial em inícios do séc. XVI, o cenário da impressão em larga escala volta a ocorrer quando Lutero decide agitar as opiniões, servindo-se, para tal, dos prelos alemães, para difundir os novos dogmas. A partir de 1517, os textos reformistas conhecem grande divulgação, com a colaboração de impressores descontentes com a Igreja de Roma, que se recusaram inúmeras vezes a publicar panfletos católicos (cf. Febvre e Martin, 1958, p. 376).

O retorno ao estudo da Bíblia, a procura da sua pureza original (mais acessível a todos, pelas versões em língua vulgar) são marcas firmadas pela Reforma protestante, embora os humanistas, nomeadamente os ibéricos, tenham dado um contributo preponderante para o regresso aos textos sagrados, através "de uma visão humanística da Teologia e de exigência filológica e científica na edição da Bíblia Poliglota Complutense (1514-1517)", (Urbano, 2004, p. 270).

Só alguns anos mais tarde (1526-1527) se assiste à resposta da Igreja Católica, que se serve dos prelos para difundir a sua mensagem, por um lado, e para os utilizar como arma de controlo, por outro.

Numa altura em que a «prateleira religiosa» assumia uma importância privilegiada na grande maioria das bibliotecas, facilmente se entende o proveito que a Igreja Católica soube tirar dessa realidade para, através da imprensa, divulgar a uma larga escala os seus ensinamentos, a sua doutrina, com recurso a textos apologeticos e de edificação dos seus santos e pessoas virtuosas, através da pregação ou da direção espiritual, apoiando-se nessas "*vidas* como meio exemplificativo e «formativo» da vida ascética e espiritual tanto de religiosos como de leigos" (Fernandes, 1994. p. 142). Reitera J. S. da Silva Dias que todos são chamados ao exercício de novas práticas religiosas, por via da oração mental, da meditação da Vida e Paixão de Cristo, do recolhimento e da mortificação dos sentidos (Dias, 1960, Tomo I, pp. 9-18).

Em resultado dos imperativos tridentinos, a tentativa de reformar a Igreja fornecendo instrumentos que colmassem a falta de conhecimentos religiosos verificada nos leigos, mas também nos monges, conduz ao aumento da produção de livros catequéticos e de doutrinação - como é disso exemplo o catecismo de Frei Bartolomeu dos Mártires - assim como a difusão de uma série de outros textos de vertente didática, direcionados para o ensino da oração, na pluralidade das suas concretizações - vocal, mental, meditação e contemplação. Sublinha Micaela Ramon Moreira que "o que estava em causa, em última análise, era uma cristianização mais profunda e uma maior disciplina comportamental de todos os fiéis, e não apenas dos consagrados" (Moreira, 2006, p. 24).

A difusão da produção textual de dimensão catequética favoreceu, de igual forma, o alargamento dos mecanismos de controlo dos comportamentos dos fiéis, consumidores destes textos. Sugere Federico Palomo que estes meios, enquanto dispositivos de difusão do discurso religioso eram, simultaneamente, instrumentos para disciplinar e morigerar comportamentos sociais e religiosos dos fiéis, que visavam a persuasão e a ação e, como tal, devem ser encarados como formas de controlo comportamental. Na mesma linha, Micaela Ramon afirma que no contexto reformista dos séculos XVI e XVII "as retóricas eclesiásticas

de inspiração tridentina" se serviam da atividade artística barroca para a revestir de "intenções pedagógico-didáticas fundadas na crença de que a arte poderia constituir um eficaz instrumento de reconversão dos fiéis e de endoutrinação nos valores da fé católica" (Moreira, 2006, p. 319).

A adequação das doutrinas aos géneros eleitos pelo público recetor (diálogos, folhetos, obras de devoção e estampas religiosas) comprova a atividade de doutrinação levada a cabo pelas instituições religiosas:

Si las formas de comunicación de la época obedecieron a un particular afán por «conducir las conductas», las prácticas apostólicas desarrolladas por los diferentes agentes e instituciones del campo religioso (órdenes religiosas, obispos, párrocos...) constituyeron un singular instrumento de dominación, de disciplinamiento de las conciencias y de los comportamientos morales y religiosos de los fideles (Palomo, 2004, p. 260).

Este tipo de produção permitiu, para além disso, descortinar relações familiares e culturais ressaltando "as ligações de uma apertada malha de referências de natureza sócio-cultural e política" (Santos, 2008, p. 32).

As elites rapidamente perceberam nestes textos formas de encetar relações e estabelecer vínculos, com vista à obtenção ou conservação do almejado *status* social, pois "a santidade da vida monástica conferia-lhes dignidade e prestígio social" (Abreu, 2007, p. 174).

A gravitação de redes de interesses em torno desta realidade é comprovada pela associação da redação destas produções a processos de canonização que legitimavam a sua situação de facto. Como afirma Vauchez, algumas famílias de elite tentaram, às vezes com sucesso, passar a ideia "d'une transmission héréditaire de la sainteté en leur sein" (Vauchez, 1988, p. 210).

São disso exemplo a escrita de algumas biografias, almejando a abertura de processos de santificação que em muito dignificavam e prestigiavam famílias nobres. "Sainteté, pouvoir et distinction aristocratique étaient si étroitement liés qu'on a pu parler à ce propos, d'une

véritable «hagiocratie» (Vauchez, 1988, p. 204-214). Sublinha Isabel Morujão que “a associação da santidade com a nobreza de sangue constituiu uma das dominantes na hagiografia da Idade Média e, se perdeu preponderância com a Idade Moderna, não deixa de ser um fator genealógico considerável para apreciação conclusiva da santidade” (Morujão, 1996, p. 256). A riqueza e o poder, aliados a uma linhagem de santidade de tradição familiar, são os requisitos cruciais para colocar as famílias nobres em posição cimeira na obtenção da salvação e do reconhecimento social. Confirma André Vauchez que a "corte celeste" só se abrirá, ainda por largo espaço de tempo, àqueles que já ocupavam no mundo um lugar privilegiado (Vauchez, 1988, p. 208).

A mulher era assim uma peça fundamental ao serviço dos interesses familiares, constituindo pretexto e, muitas vezes, trampolim para a concretização das aspirações sociais que distinguiram os nomes mais influentes da época. Um papel contraditório, de facto, dado que as mulheres raramente desempenhavam uma função relevante no jogo social do poder. No entanto, "elles contribuèrent largement à l'éclosion du sentiment religieux collectif (...). En effet, l'effet public du culte était depuis toujours le critère de base pour la reconnaissance de la sainteté" (Kessel, 1991, p. 152).

3. As edições portuguesas, espelho das correntes de espiritualidade europeias

A nova produção nacional que alimentava espiritualmente os fiéis e contribuía para a consolidação do "pietismo português" (expressão de J. S. da Silva Dias) espelhava as várias correntes de espiritualidade, que fervilhavam na Espanha reformada pelo Cardeal Cisneros (Carvalho, Porto, 1988, p. VIII). A conjuntura política do país, em Seiscentos, explica a clara absorção de edições castelhanas em matéria de literatura espiritual e pode justificar o gosto ibérico comum por temas que ancoravam os alicerces da piedade cristã, como a Encarnação e a Paixão de Cristo. Autores como Francisco de Osuna, San Pedro de Alcántara, Frei Luís

de León, João de Ávila, Frei Luís de Granada, Teresa de Jesus eram os mais lidos pelo público.

Os autores renano-flamengos são, de igual modo, chamados a dar o seu contributo no enraizamento do sentimento espiritual nacional, embora os seus textos denunciem um "carácter mais afetivo e prático do que intelectualista ou escolástico" (Cunha, 2002, p. 290).

Os autores italianos também eram seguidos em Portugal, através dos textos de S. Boaventura, Santa Catarina de Sena, Santa Catarina de Génova, entre outros (Cunha, 2002, p. 291).

Os primeiros Padres e Doutores da Igreja estão visivelmente presentes nos textos portugueses entre os sécs. XVI e XVII, nomeadamente, Santo Agostinho, S. Boaventura e S. Bernardo. Refere Maria de Lurdes Correia Fernandes que Trento "significou muitas vezes a recuperação e atualização de modelos anteriores da vida espiritual, através sobretudo da releitura e reinterpretação de obras e doutrina dos Padres e Doutores da Igreja" (Fernandes, 1994, p. 23).

Neste estágio de consolidação e reformas espirituais, tal como bem afirmou Mafalda Ferin Cunha, é difícil precisar o contributo específico de cada autor, embora as marcas que deixam nos autores portugueses sejam transversais, convergindo todas elas "no tratamento de diversos temas: a visão pessimista do homem decaído e a confiança na misericórdia divina, a interiorização da vida religiosa em detrimento das manifestações exteriores da piedade, (...) o ascetismo e a mortificação, incentivo à comunhão e à confissão (...)" (Cunha, 2002, p. 292).

Contudo, a produção de literatura da espiritualidade portuguesa dos sécs. XVI e XVII caracteriza-se por um processo contínuo, em que sobressaem determinadas vertentes, preterindo outras: "a dimensão interior da piedade parece atenuar-se, ganhando relevo aspectos como a exteriorização, a visualização, a amplificação e a divulgação, à medida que se impõe uma Igreja triunfante pós-tridentina" (Cunha, 2002, p. 291-297).

Por outras palavras, a piedade interior deixa de ser ocultada, retraída, para passar a ser mais exteriorizada pela manifestação de êxtases, palidez, jejuns, desmaios.

4. A hagiografia, a biografia espiritual e a autobiografia: modelos narrativos *ad imitandum*

Face ao exposto, facilmente se constata que a figura do santo se reveste de importância maior, para uma instituição que visa inculcar nos fiéis preceitos morais e comportamentais, na sequência dos ditames tridentinos, resultantes de uma conjuntura reformista - o santo é o modelo perfeito e próximo dos fiéis, no qual todos se podem inspirar e ao qual devem aspirar.

Carlota Miranda Urbano sintetiza de forma muito consistente a função que a figura do santo assume, na sua dimensão heroica e exemplar, enquanto elemento agregador e catalisador, em torno do qual a mensagem religiosa se vai concentrar, por servir de modelo próximo da vida e Paixão de Jesus Cristo:

No dealbar da Europa moderna, no momento da sua divisão religiosa, em que se multiplicam as discussões teológicas, doutrinárias e disciplinares, no momento da sua abertura à mundialização, no confronto de culturas tão diversas, a figura do santo com o seu *exemplum*, o seu perfil modelar moral e doutrinário, no heroísmo da sua ascese espiritual ou do seu martírio (...) constitui para além do estandarte da ortodoxia, a face visível da confiança do homem nas suas forças ancoradas num horizonte transcendente (Urbano, 2004, p. 276).

O culto dos santos remonta aos primeiros séculos do cristianismo, através do louvor à memória dos apóstolos e mártires e ao seu pedido de intercessão por parte das comunidades cristãs. O reconhecimento da santidade, revelada publicamente pela morte e pela manifestação de fé, era proclamado pela Igreja do local de pertença do santo, sublinha André Vauchez que "le fait de décerner à un défunt le titre de saint constituait l'acte spontané d'une Eglise locale" (Vauchez, 1988, p. 16).

No entanto, esses processos iniciados pela Igreja local tiveram de se conformar com o decreto de Urbano VIII, que veio disciplinar as várias formas de heterodoxia no que respeitava ao culto dos santos. Assim, muitas das biografadas que evidenciavam sinais de santidade induziam o povo à prática de um culto (através da veneração do que considerava como relíquias: unhas, cabelos, cordões, pedaços de hábitos, etc.) um pouco marginal à instituição Igreja, pois, não se tratando de santos canonizados, era considerado heterodoxo.

A intenção das hagiografias não era propulsionar um culto local, mas antes propor um modelo de santidade que incitasse à morigeração dos costumes. Defende André Vauchez que a Igreja, com Urbano VIII, adota uma posição mais rigorosa "de peur d'être débordé par la montée des cultes locaux" (Vauchez, 1988, p. 159).

A Época Moderna trouxe uma ratificação dos cultos provenientes do séc. XII por parte da Igreja, coagida pela obstinação dos fiéis que pretendiam ver reconhecidas, oficialmente, devoções já muito enraizadas na vida social.

O santo é visto então como um continuador das manifestações divinas que não se esgotaram em Cristo, mas que se "prolongaram nos santos que se sucedem numa continuidade que vem até aos nossos dias" (Nascimento, 1998, p. 10).

Pese embora o facto de a hagiografia ser um modelo narrativo já bastante alicerçado na Época Moderna, oriundo de uma tradição oral, é neste período que as vidas de vários santos ibéricos (para além dos mártires romanos e primeiros eremitas), readquirem nova relevância ao surgirem compiladas e publicadas em múltiplos *Flores Sanctorum* ("ponto de chegada das várias hagiografias que a Idade Média produziu"), (Lucas, 1986, p. 133), datando as duas compilações mais antigas de 1513, cuja autoria se de s conhece ou se questiona, mandadas imprimir por vontade do rei D. Manuel I. A esses primeiros exemplares, segue-se uma nova edição de *Flos Sanctorum*, em 1567, da pena de Frei Diogo do Rosário, que conhece várias reedições posteriores. Apesar de estes textos datarem dos inícios do séc. XVI, muitos dos documentos aí incluídos provêm de tempos anteriores à sua compilação, como é o caso

dos textos de Jacobo Voragine ou de Breviários do séc. XIII ou do *Breviário Bracarense* de 1470. Outra das edições prestigiadas e de grande circulação foi o *Flos Sanctorum* de Pedro de Rivadeneyra (1616).

Num tempo em que a figura do santo é sobrevalorizada, "o «culto do herói» invade o texto hagiográfico, sobretudo na valorização de conceitos como os de nobreza e de glória" (Urbano, 2004, pp. 273-274), por via de uma escrita que visa promover "este herói *ad imitandum*, num discurso que valoriza a *praxis*, a acção humana, ilustrada nos *exempla*" (Urbano, 2004, pp. 273-274), com recurso ao vigor de uma argumentação edificante. É neste contexto que se publicam, com grande sucesso, ao longo do séc. XVII, numerosos textos relatando as vidas de santos canonizados: S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, Santo Agostinho, Santo António de Lisboa, Santa Teresa de Jesus, Santo Inácio de Loyola, entre outros, tornando-os modelos preferenciais da produção devocional e sucessos editoriais partilhados pela união ibérica, que nutria o gosto pelo universo da espiritualidade, nomeadamente as leituras em torno da cultura e significação da santidade. A hagiografia áurea dificilmente é suplantada por outros géneros, suscitando o interesse de autores, impressores ou um "sinfín de lectores y de lectoras e inunda todos los géneros literarios: poesía, prosa, teatro y no literarios: tratados, biografías, advocaciones, etc." (Infantes, 2005, p. 252).

A difusão de obras de espiritualidade, guias de oração ou vidas de santos prolifera de tal forma, que se chega a adotar, segundo Pedro M. Cátedra, para esta tipologia, o qualificativo "libros de mujer", como atributo de um segmento de mercado em ascensão, que incluía os livros com características específicas, como sendo "normalmente pequeño, siempre en lengua romance, con contenidos poco variados, que incluyen los libros de oraciones, los libros religiosos y de espiritualidad sensible e independiente" (Cátedra, 2003, p. 24).

Através destas leituras, o cristão tinha contacto com as vidas edificantes e exemplares de seres virtuosos, permitindo-lhe moldar o seu próprio comportamento, imitando as ações

dos santos, com vista à sua própria salvação, porquanto podermos aferir da intencionalidade didática dos textos hagiográficos. A este propósito, conclui André Vauchez que "la valorisation des aspects biographiques de la sainteté dans le cadre d'une mise-en-scène hagiographique fut un simple procédé utilisé par les clercs pour faire passer un message d'ordre moral et religieux" (Vauchez, 1988, p. 621).

Se, por um lado, este subgénero literário adquire uma dimensão que o torna propenso à associação do maravilhoso ao possível e do imaginário ao exemplar, através da utilização de uma linguagem simbólica, apologética, subjetiva, em prol da construção de um personagem idealizado e quase divinizado, por outro lado, vê-se com alguma frequência estes textos revestirem-se de uma roupagem cronística, quando os autores noticiam dados factuais, como a data de nascimento e filiação do retratado, recorrendo a um estilo mais sóbrio, objetivo e escorreito.

A par do sucesso da hagiografia, novos géneros começam a ser alvo do interesse dos novos leitores, "à leitura das vidas de santos, a Idade Moderna acrescentou a voga das biografias, memórias e autobiografias espirituais" (Santos, 2008, p. 31).

As biografias e autobiografias de mulheres religiosas suscitam, igualmente, grande adesão e procura já no séc. XVII - facto que muito contribuiu para a institucionalização do género - o que comprova o gosto por esta vertente mais ascético-mística, com recurso às revelações e visões que resgatavam algumas mulheres da ostracização social, conferindo-lhes algum impacto e reconhecimento público. No entanto, estas produções foram muito controladas e, até, silenciadas, principalmente em Espanha, por se recearem as "incitações à reforma interior das mulheres e à produção de outros textos idênticos, da autoria de várias religiosas que acreditaram terem recebido múltiplas mercês do Senhor" (Carvalho, 2002, p. 297).

O conceito de biografia encerra dois modelos, a biografia devota, que visa a exaltação das virtudes, com base no exemplo moral, religioso e de santidade das religiosas biografadas

e a biografia sacra, que respeita a vida dos santos canonizados, cujo culto fora autorizado pela Igreja.

As biografias tinham por objetivo dar a conhecer modelos de comportamento que em tudo perfilavam os ideais da perfeita religiosa, suscitando a imitação dessa biografada no seu louvor a Deus. Reitera Pedro Vilas Boas Tavares que "com intenção edificante, ordenando-se à glória divina e ao bem das almas, as biografias e os registos autobiográficos faziam-se precisamente para que se gravassem e conhecessem as «maravilhas» que Deus continuava a suscitar abundantemente na sua Igreja militante" (Tavares, 1996, p. 202).

Quanto às autobiografias, quando recomendadas pelos diretores espirituais, deveriam redigir-se almejando o cumprimento de três propósitos: "analizar a fondo el alma de sus penitentes para dirigir las mejor; buscar su propio aprovechamiento; que sirvan como ejemplo a religiosas o religiosos e incluso a seglares de ambos sexos" (Carneiro, 2007, p. 68).

Os traços distintivos de marcas de santidade eram validados nesse registo biográfico. Sinais como:

Milagres, poderes taumátúrgicos, estigmas, martírio, dom profético, premonições, êxtases, levitação, visões, aparições, traços que se somatizavam às virtudes e graça das biografadas, como o amor à penitência, a oração constante, a pobreza, a capacidade de suportar o martírio ou as provações, a castidade, a obediência, a humildade, o desprezo do mundo e de si próprias, o zelo das coisas da fé, (Morujão, 1996, pp. 236-237).

Para além de constituírem a força motriz desses escritos e de servirem de exemplo para as companheiras da comunidade, esses sinais eram legitimados pela escrita.

O reconhecimento dessas marcas passava, posteriormente, pela análise das manifestações verificadas no corpo da biografada, após a morte. A este respeito, avultam marcas que fazem alusão ao estado de conservação do corpo, ao odor exalado, à luz irradiada pelo mesmo corpo, ao cheiro a flores ou frutos junto das campas, entre outras manifestações

(Morujão, 1996, p.237): "elles concouraient toutes à faire du corps le lieu de la sanctification, et des phénomènes physiques ses signes les plus parlants" (Vauchez, 1988, p. 503).

Com alguma frequência, as autoras ou as retratadas nas biografias serviam-se de textos poéticos para passar essa mensagem inspiradora, ansiando uma caminhada profícua em direção à santidade. Defende Isabel Morujão que "a poesia em geral, ou até mesmo os versinhos de ocasião, cumpriam no interior do convento uma função pedagógica inalienável das caminhadas espirituais e do desimpedimento interior, que tantas vezes obstruía o progresso nas vias do Senhor" (Morujão, 1996, p. 239).

5. Conclusão

O incremento da produção editorial trouxe ao Barroco português (reflexo do europeu, particularmente do espanhol) a possibilidade de ver aumentar a circulação de literatura religiosa.

O contexto político do país explica a preferência nacional pelas edições de dimensão espiritual castelhanas, de onde se infere o gosto ibérico comum por temas atinentes à piedade cristã. Para além dos autores castelhanos, também os renano-flamengos e os italianos eram procurados pelos leitores ávidos de conhecimento em matéria de doutrinação e perfeição moral.

A nova produção literária torna-se num instrumento privilegiado de controlo comportamental para a Igreja, que se serve da mesma para difundir, junto dos fiéis, um modelo de vida exemplar, baseado nos normativos morais, que a figura do santo tão bem representa. Assim, os textos de pendor espiritual e devocional tornaram as biografias devotas e a hagiografia nas leituras de eleição, uma vez que o "culto do herói" é promovido com o objetivo de morigerar os comportamentos dos devotos. Neste sentido, inúmeras vidas de santos canonizados tornam-se nos modelos preferenciais da produção editorial, na união ibérica.

Referências

Manuscritos

Maço 106 - Administração dos conventos femininos; caderno n.º 3 - Convento da Esperança de Vila Viçosa, OFM, ANTT.

Processos da extinção das casas religiosas femininas em Portugal, A.N.T.T., (PT/TT/MF-DGFP/E/002; ID L559/3). BPE, Fundo do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa.

Bibliografia

AA.VV. (2005). Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos. In *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*. Universidade do Porto. Instituto da História Moderna.

AA.VV.(1999). Sentimento, Religião e Política na Época Moderna. In *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*. 2ª série, t.11. Universidade Católica Portuguesa.

AA.VV. *Península, Revista de Estudos Ibéricos*. (2007). Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Almeida Lucas, M. C. (1986). *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Clássicos.

Almeida, F. (1967). *História da Igreja em Portugal*. Nova Ed. Preparada e Dirigida por Damião Peres. Portucalense Editora.

Correia Fernandes, M. de L. (1999). *Jardim de Portugal, Frei Luís dos Anjos*. Edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Campo das Letras - Editores SA.

Castilho Gómez, A. (2003). Escrito en Prisión. Las Escrituras Carcelarias en los Siglos XVI y XVII. In *Península, Revista de Estudos Ibéricos*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0.

Freitas Carvalho, J. A. de. (2007). *Programas, Recomendaciones, Lectores, Tiempos y Lugares. Lectura Espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI y XVII)*. SEMYR-CIUHE.

Freitas Carvalho, J. A. de. (2007). Poesia e Hagiografia. Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Gras Casanovas, M. (2013). Patronage Feminí i Fundació de Convents. El Convent de la Immaculada Concepció de Carmelitas Descalces de Barcelona (1589). In *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*. Universitat de Barcelona.
- Loupès, P. (2005). Bordeaux, Métropole des Dévotions Tridentines. Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos. In *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias. Instituto da História Moderna, Universidade do Porto*.
- Morujão, I. (2008). Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa. In *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 15.
- Morujão, I. (2013). *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Sécs. XVI-XVIII)*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Poutrin, I. (1995). *Le Voile et la Plume. Autobiographie et Sainteté Féminine dans L'Espagne Moderne*. Casa de Velázquez.
- Sánchez Lora, J. L. (1988). *Mujeres, Conventos y Formas de la Espiritualidad Barroca*. Fundación Universitaria Española.
- Sánchez Lora, J. L. (1998). *Mujeres, Conventos y Formas de la Religiosidad Barroca*. FUE.
- Santos, Z. C. (2009). A Produção Historiográfica Portuguesa Sobre a História Religiosa na Época Moderna: Questões e Perspectivas. In *Lusitânia Sacra, da História Eclesiástica à História Religiosa*, 2ª série, Tomo XXI.